



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

PINTURA COM TINTA DE TERRA: O LÚDICO COMO PROPOSTA EDUCATIVA NAS AULAS DE GEOGRAFIA E CIÊNCIAS

Tarcísio Tomas Cabral de Sousa; Maria Helena Cabral de Sousa; Manoel Markson Simões Paulino de Sousa; Adriana de Fátima Meira Vital; José Weliton Pereira
Universidade Federal de Campina Grande
tarcisiocox@hotmail.com; hellena_ccb49@hotmail.com;
marksonagroecologia@gmail.com; vital.adriana@hotmail.com;
welitonsempre@hotmail.com

RESUMO

Utilizar o solo como atividade lúdica nas aulas de Geografia e Ciências constitui-se numa proposta importante para o debate de questões do cotidiano e para facilitar o aprendizado sobre este recurso natural. A pesquisa objetiva apresentar a arte da pintura com tinta de terra para estimular o ensino de solos, incentivar o desenvolvimento da capacidade criativa e promover a valorização do solo, trazendo ainda a possibilidade de geração de trabalho e renda. A metodologia baseou-se na aplicação de um questionário para identificar a percepção dos estudantes sobre o uso do solo na perspectiva da arte. A seguir foram realizadas palestras que abordaram a formação, características, limitações e potencialidades do solo e organizadas as oficinas de pintura. Os resultados apontam a ausência de conceitos que os alunos apresentam sobre solos e evidenciam que a arte da pintura com tinta de terra, na perspectiva de desenvolvimento da educação para a cidadania, surge como estímulo à prática pedagógica, possibilitando discussões relevantes sobre o tema e a valorização deste recurso natural fundamental à manutenção da vida.

Palavras-chave: Solo. Tinta de terra. Educação.

INTRODUÇÃO



As grandes transformações do mundo exigem a adoção de novas posturas para o estabelecimento de um tempo de paz, pautado na ética, na solidariedade social, na justiça distributiva e no respeito aos recursos naturais, sendo a escola espaço de diálogo e de construção para alcançar essas novas possibilidades.

É importante que o educador adapte às suas aulas o entendimento e os saberes dos estudantes, buscando alternativas e materiais que lhes sejam particularmente interessantes e que correspondam às expectativas e necessidades destes, para incentivar e motivar a aprendizagem e a sensibilização para adoção de novas atitudes.

A Educação, em todas as suas formas, pode e deve desenhar o mundo que se quer, instrumentalizando indivíduos e sociedades com as habilidades, perspectivas, conhecimento e valores para se viver e trabalhar de maneira sustentável, numa proposta que estimule a afetividade pela Terra e seus recursos e pelo respeito às diversas formas de vida.

Perseguir o desenvolvimento sustentável através da educação requer que educadores e educandos reflitam criticamente em suas próprias comunidades, identifiquem e explorem possibilidades, permitindo uma reflexão sobre o ambiente e sobre a vida.

Estimular o potencial criativo dos educandos em sala de aula permite ao educador possibilitar o desenvolvimento de habilidades, resgatar a autoestima, além de tornar as aulas agradáveis e estimulantes.

Nesse sentido o ensino deve se estender às manifestações artísticas deve passar pela visão que se deve ter de arte e a sua importância grandiosa para a promoção do homem como cidadão e sujeito de si. Essa visão de arte, sobretudo, além de valorizar o homem com toda sua carga de manifestações que lhes são próprias, cria no âmbito da educação formal, novos olhares, desperta novas atenções sobre a questão do ensino e convivências com as diversidades (OLIVEIRA, 2011).



A arte é uma das manifestações mais antigas do ser humano e deve ser ação continuada na escola, incentivada de forma interdisciplinar, especialmente no contexto da valorização do meio ambiente.

É nesse cenário e numa perspectiva holística de identificação do homem com a terra que a Etnopedologia estuda o entendimento que o povo tem acerca dos recursos do solo, a partir de seus conhecimentos sobre a natureza, além de resgatar o sentimento de pertencimento, respeito e afetividade das pessoas pela terra, estabelecendo uma espécie de "consciência pedológica" (MUGGLER; PINTO SOBRINHO e MACHADO, 2005).

Dentre esses recursos, o solo, elemento integrador do ambiente, apresenta dados crescentes de degradação em todo o mundo, cuja situação pode ser associada ao desconhecimento que a maior parte da população tem das suas características, importância e funções (LIMA et al, 2007).

Além da função ecológica e agrícola, o uso não agrícola do solo pode ser percebido na confecção da louça de barro e na pintura com tinta de terra (VITAL et al., 2011; SILVA et al., 2013). Essa estratégia pode ser aproveitada para contextualizar as aulas de forma a torna-las mais atrativas, facilitando a aprendizagem sobre o tema e o debate acerca das práticas de degradação e conservação deste importante recurso natural.

A integração a partir da arte, realizada através do uso da habilidade manual, em suas diversas fases visa resgatar a autoestima, a cidadania participativa e despertar os sentimentos de socialização e de responsabilidade das comunidades, como constatou Silva (2013), em uma turma de EJA.

Considerando o solo como mosaico de cores e a necessidade de contribuir para aprimorar o debate sobre sua importância, face ao avanço da degradação ambiental, o presente trabalho objetiva apresentar a arte da pintura com tinta de terra como gerador de aprendizagem e motivação das aulas de Ciência e Geografia.

METODOLOGIA

As atividades aconteceram em salas de aula das escolas públicas dos municípios de Serra Branca, Santo André e Caraúbas, no Cariri paraibano, em atividades inseridas nas disciplinas de Geografia e Ciências. Inicialmente foi aplicado um questionários com 05 questões fechadas abordando conhecimentos sobre o solo. Após a tabulação dos dados foram organizadas as palestras, cujos temas focaram a formação dos solos, suas características, funções, importância, limitações e potencialidades. Para contextualizar as orientações sobre solos e fazer a culminância da intervenção foi realizada a vivência de pintura com tinta de terra, segundo orientações de Carvalho et al. (2007). Para o preparo da tinta o solo foi coletado nas proximidades das escolas, em áreas esbarrancadas, peneirado e misturado com água. Ao final da vivência os estudantes responderam outro questionário cujas questões versaram sobre as potencialidades do solo como gerador de arte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se saber se os alunos tinham alguma noção dos fatores de formação do solo e apenas 33% deles afirmaram que sim, embora não se referissem com convicção a nenhuma delas. Esse resultado indica o quanto o ensino de solos precisa ser enfatizado no material didático, nas diversas disciplinas, como requisito para minimização da degradação que se alastra.

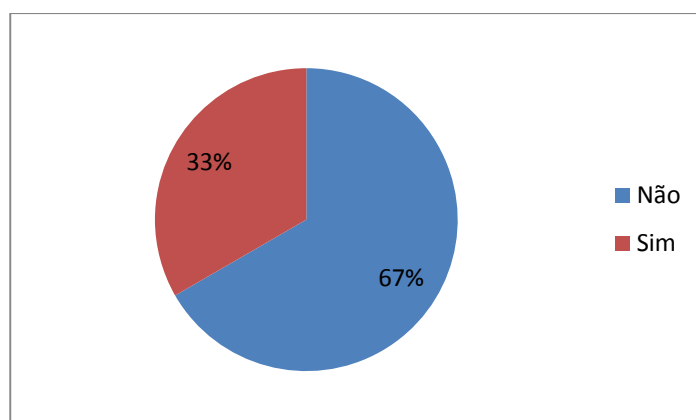


Figura 01. Conhecimento dos fatores de formação do solo.



Quanto ao conhecimento das características do solo, que é fundamental para se contextualizar sua importância, necessidades e potencialidades, nenhum dos alunos mencionou, nem mesmo a cor ou a textura, normalmente citadas, evidenciando um avançado grau de desconhecimento sobre o tema, cuja abordagem não é feita de maneira adequada nos livros didáticos.

Considerando o avanço da devastação ambiental e o aumento das áreas degradadas, consequência do mau uso do solo, a pesquisa quis saber a percepção dos estudantes sobre o tema e apenas 30% respondeu afirmativamente sobre conhecer práticas que promovem a degradação do solo.

Com esses dados em mãos organizaram-se as palestras sobre solos, buscando focar nas necessidades apontadas nas respostas dos questionários.

Ao final das palestras foram organizadas as vivências de pintura com tinta de terra. Os estudantes participaram de todas as atividades, desde a coleta do solo, o destorroamento e o preparo da tinta. As vivências aconteceram em clima de curiosidade, entusiasmo e alegria. Todos queriam 'botar a mão na terra' e sentir a textura da tinta de terra. As peças de cerâmica e de madeira foram distribuídas e aos poucos as peças ganharam formas diversas e colorido surpreendente, deixando perplexos os participantes.

Após as vivências foi aplicado novo questionário, com mais cinco questões fechadas para observar a percepção dos participantes das vivências sobre as potencialidades do solo.

Primeiro buscou-se saber se já haviam ouvido falar de tinta sustentável e se conhecia a arte da pintura com tinta de terra e todos foram unânimes em dizer que não. A seguir indagou-se se eles consideravam que a atividade de pintura com tinta de terra poderia trazer renda e 83% afirmaram concordar que sim, evidenciando a potencialidade de essa atividade vir a ser uma possibilidade de trabalho artesanal, como mostra a figura a seguir.

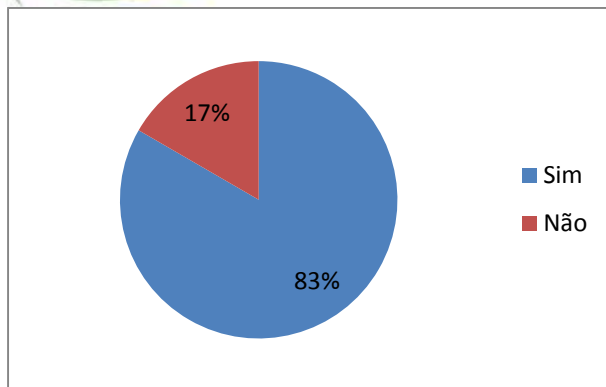


Figura 02. Percepção sobre a possibilidade de a tinta de terra gerar renda.

Essa constatação se fez presente na admiração e encanto demonstrados em sala de aula no dia da oficina de pintura. Era evidente que os alunos não imaginavam que fosse possível produzir tinta de qualidade com terra e isso fez com que houvesse uma participação bastante considerável no trabalho, todos querendo por a mão na tinta.

Foi perguntado também se eles consideravam que a pintura com terra poderia ajudar as pessoas a cuidar mais do solo e 77% responderam que sim. Essa percepção aponta para a necessidade de se fortalecer na prática educativa as orientações sobre solos que deve ser considerada de maneira interdisciplinar, abrangendo todos os níveis do ensino, haja vista o avanço da degradação dos solos e da desertificação, que comprometem drasticamente a qualidade de vida.

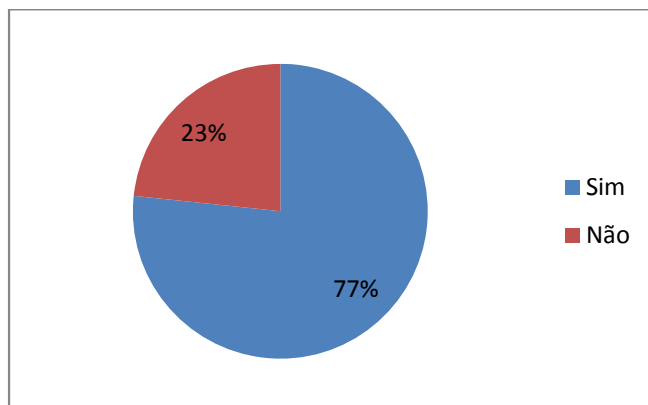


Figura 03. Possibilidade da tinta de terra contribuir para a conservação do solo.



CONCLUSÕES

As respostas ao questionário apontam desconhecimento sobre os solos e o interesse dos estudantes em conhecer mais sobre o tema.

As palestras sobre solos aconteceram com efetiva participação dos alunos.

As oficinas situam-se como proposta inovadora para as aulas de Geografia e Ciências, o que deixa claro que um jeito novo de ensinar, sem dúvidas, é a melhor maneira de promover o aprendizado.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. F.; HONÓRIO, L. de M.; ALMEIDA, M. R. de; SANTOS, P. C. dos.; QUIRINO, P. E. Cores da Terra: fazendo tinta com terra. Universidade Federal de Viçosa. Programa TEIA. Programa Cores da Terra. Viçosa, 2007.

OLIVEIRA, W. S. A aula de Arte-Educação como espaço de reflexão cultural. In.: 3 Colóquio do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho (1911-2011): a crítica literária no Brasil. 2011.

SILVA, A. L. da.; VITAL, A. de F.; M.; TEIXEIRA, E. de O.; ARRUDA, O. de A.; RAFAEL, E. M.; ALENCAR, M. L. S. Pintura com terra no sítio: um novo olhar sobre os solos do Cariri Paraibano. Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS. 2013.

SILVA, A. P. da. **APRENDENDO, FAZENDO E COLORINDO A CIDADANIA: uma nova perspectiva da economia solidária na EJA.** Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano (Monografia). Universidade Federal de Campina Grande. Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários. Campina Grande-PB. 2013.

VITAL, A. de F. M.; FURTADO, A. H. S. e.; QUINTANS, T. da S.; FREITAS, V. F.; COSTA, T.C. dos S.; FARIAS, E. S. b. de. Educação em Solos na Escola



Agrotécnica de Sumé: pintura com terra. Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Fortaleza/CE. 2011.